

# **A visão de Pedro e Cornélio em Atos 10,1-33 lido à luz da leitura orante da Bíblia como instrumento para superar o fundamentalismo bíblico e promover o diálogo**

## **The vision of Peter and Cornelius in Acts 10,1-33 read in the light of the prayerful reading of the Bible as an instrument to overcome biblical fundamentalism and promote dialogue**

**Wilson José da Silva<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo principal apresentar o método da leitura orante da Bíblia para fornecer uma alternativa, a fim de superar o fundamentalismo bíblico e promover o diálogo. Fundamentalismo este, que, por vez, é fruto da ânsia em defender conceitos, verdades e valores, que obnubilado por tal prática, podem não ser legítimos e serem mais dogmatismos, crendices, verdades e valores, com letra minúscula, defendidos como absolutos. Diante dessa realidade, o texto dos Atos dos Apóstolos, delimitado em Atos 10,1-33, oferece uma exímia reflexão e é um paradigma para o diálogo e a não prática do fundamentalismo, bem como a reflexão deste texto à luz da leitura orante da Bíblia, apresentando-a como um instrumento de superação. Assim, através deste método, mostrar-se-á que as concepções absolutistas podem ser superadas por um diálogo amistoso, marcante, existente no texto escolhido. Isto será feito com a explanação dos conceitos e, de modo particular, seguindo os principais passos deste método, que consistem em três perguntas fundamentais feitas ao texto, a saber: o que o texto me/nos diz? O que o texto me/nos faz dizer a Deus? Como e, com o que, o texto me/nos compromete? É válido ressaltar que o interesse do presente estudo é a leitura orante da Bíblia, não se fará uma investigação exaustiva do fenômeno do fundamentalismo.

### **Palavras-chave**

Leitura orante da Bíblia. Diálogo. Fundamentalismo bíblico. Atos dos Apóstolos.

### **Abstract**

The main objective of this article is to present the method of prayerful reading of the Bible to provide an alternative, in order to overcome biblical fundamentalism and promote dialogue. This fundamentalism, which, in turn, is the result of the eagerness to defend concepts, truths and values, which, clouded by such practice, may not be legitimate and may be more dogmatism, beliefs, truths and values, with lower case letters, defended as absolutes. Faced with this reality, the text of the Acts of the Apostles, delimited in Acts 10:1-33, offers an excellent reflection and is a paradigm for dialogue and the non-practice of fundamentalism, as well as the reflection of this text in the light of the prayerful reading of Bible, presenting it as an instrument of overcoming. Thus, through this method, it will be shown that absolutist conceptions can be overcome by a friendly, striking dialogue, existing in the chosen text. This will be done by explaining the concepts and, in particular, following the main steps of this method, which consist of three fundamental questions asked of the text, namely: what does the text tell me/us? What does the text make me/us say to God? How and with what does the text commit me/us? It is worth noting that the interest of this study is the prayerful reading of the Bible, it will not be an exhaustive investigation of the phenomenon of fundamentalism.

---

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Teologia pela Faculdade Missionária do Paraná (FAMIPAR). Professor visitante da Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Contato: [wilson27js@yahoo.com.br](mailto:wilson27js@yahoo.com.br).

**Keywords**

Prayerful reading of the Bible. Dialogue. Biblical fundamentalism. Acts of the Apostles.

**INTRODUÇÃO**

Tendo consciência de que ser cristão é ser alguém intimamente ligado à Palavra de Deus, revelada nas Sagradas Escrituras, e que essa Palavra deve penetrar na existência a ponto de tornar-se vida na sua vida, fazendo-a coexistir em si, ecoando, não só com a voz, mas com a vida, é que se quer apresentar o método da leitura orante da Bíblia, como alternativa para superar o fundamentalismo bíblico<sup>2</sup> e promover o diálogo. Nesse antigo/novo modo de ler a Bíblia, pode ser gestado um espaço e oportunidade para tornar o cristão mais consciente de sua fé, ter pressupostos para dialogar com quem não professa a mesma fé e, respeitosa, compreender que as experiências pessoais não devem ser subjugadas ou relegadas a um relativismo, mas, sim, respeitadas.

Isso é dito, pois, o fundamentalismo bíblico, de acordo com o documento da Pontifícia Comissão Bíblica (2013, p. 82), consiste em “uma leitura que parte do princípio que a Bíblia, sendo Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes”. Esse mesmo documento, na sequência, esclarece que por “interpretação literal”, o fundamentalista compreende que para interpretá-la não é necessário levar em conta todo o processo histórico que sofreram os textos bíblicos, até a sua composição final. Desse modo, confundem literalmente com literalista. Tal esclarecimento se faz necessário, aqui, apesar de não ser esse o foco de interesse desse artigo, isto é, o fundamentalismo, mas sim suas consequências.

Desse modo, percebe-se que os adeptos dessa prática excluem toda e qualquer possibilidade de reflexão, de diálogo. Por isso o fundamentalismo, como bem expressa Do Prado (2018, p. 365), não se baseia em apenas alguém que faz uma interpretação, mas que, a partir da literalidade, busca justificar todo e qualquer absolutismo. Para Dias da Silva (2000, p. 321-322), o fundamentalismo descarta as limitações culturais, linguísticas e científicas dos autores sagrados; Lima (2009, p. 333-334) ratifica, dizendo que os defensores do fundamentalismo recusam esses elementos, pois compreendem a inspiração como o texto tendo sido ditado palavra por palavra. Dias acrescenta que, ao interpretar o texto bíblico, os fundamentalistas bíblicos julgam desnecessária a interpretação do texto e tendem a ignorar os possíveis significados e abordagens do mesmo; o texto, quando lido, é visto como linear, coerente e harmônico, por isso é fácil pinçar do texto versículos, sem levar em consideração os seus contextos. Assim, é válida a observação de Da Silva (2016, p. 300) ao dizer que, ao interpretar o texto bíblico, deve-se fazê-lo com o olhar crítico, com respeito, buscando compreender a verdade do texto e, não, buscar a verdade pré-concebida de quem o interpreta.

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre a história do fundamentalismo bíblico e seus conceitos, ver Lima (2009).

A exortação apostólica *Verbum domini*, escrita pelo papa Bento XVI, diz que o antídoto ou a resposta para uma leitura fundamentalista “é a leitura crente da Sagrada Escritura, praticada desde a antiguidade na Tradição da Igreja [Tal leitura] procura a verdade salvífica para a vida do indivíduo e para a Igreja” (VD 44). Essa leitura crente, feita desde a Antiguidade que procura a verdade salvífica é aqui descrita como leitura orante da Bíblia. E segundo Mesters e Sorne (1997, p. 33), nela se encontra a alternativa de superação do fundamentalismo.

A leitura orante da Bíblia, conhecida também como *lectio divina*, segundo Mesters e Sorne (1997, p. 23), nada mais é do que a leitura que os cristãos faziam da Bíblia, com a finalidade de alimentar a fé e a esperança dentro deles, buscando animar, por meio da Palavra, suas caminhadas, método tão antigo quanto a própria Igreja. Fernando Milán (2019, p. 164) recorda que essa prática antiga ficou desconhecida até a segunda metade do século XX, sendo apenas praticada nos ambientes monásticos e de especialistas. Graças ao empenho do magistério da Igreja e de especialistas na atualidade, é conhecida por todos. Mesters e Sorne (1997, p. 26) enfatizam que ela reaparece de maneira nova, sem rótulos, sem nome no meio das comunidades eclesiais, na qual os crentes retomam a leitura das Sagradas Escrituras, mas também a tem como objeto de estudo.

A leitura orante da Bíblia ou *lectio divina*, de acordo com a Conferência dos Religiosos do Brasil (1990, p. 16-17), provém de Orígenes que viveu no século III, mas sua sistematização em quatro etapas ocorreu no século XII, pelo monge Cartucho, Guigo. As etapas são: 1) leitura, responde à pergunta “o que o texto diz?”, pois a leitura “impede que o texto seja manipulado e reduzido ao tamanho de nossa ideia” (CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 21); 2) meditação, em que pergunta-se “o que o texto me/nos diz?”, indica o esforço que se faz para atualizar o texto e trazê-lo para dentro do horizonte da nossa vida e realidade” (CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 23); 3) oração, faz-se a pergunta “o que o texto me/nos faz dizer?”, em que a oração está intimamente ligada à leitura e meditação, podendo ser em forma de louvor, ação de graças, de súplica ou perdão, ou até mesmo de revolta; 4) contemplação, é o momento em que se “mergulha dentro dos fatos para descobrir e saborear neles a presença ativa de Deus, procurando comprometer-se com o processo de transformação que esta Palavra está provocando dentro da história” (CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 30).

Amparado nesse esquema, nas considerações do papa Bento XVI em sua exortação apostólica *Verbum domini*, bem como nas palavras de Mesters e Sorne, este artigo, por meio da aplicação do método na perícopes de Atos 10,1-33, vem apresentar a defesa da leitura orante da Bíblia como objeto formal, o qual pode promover o diálogo e superar o fundamentalismo, uma vez que a iniciativa do estudo da Sagrada Escritura, não é somente ser estudada, mas rezada, e transformada em experiência vivencial.

Sendo assim, é válido ressaltar que a análise, feita sobre o texto delimitado, não se pautará pelo estudo exegético, conforme as ferramentas do método histórico-crítico, mas pelos passos do método supracitado.

## **1 O QUE DIZ O TEXTO?**

### **1.1 A visão de Cornélio e a visão de Pedro (At 10,1-16)**

O livro dos Atos dos Apóstolos, nesta perícopie específica, traz elementos significativos da Igreja primitiva quanto à compreensão da própria vivência da fé cristã e do modo de interpretar leis e costumes enraizados na tradição judaica. Uma vivência que exigia dos seus uma maior abertura, principalmente, daqueles que vinham do judaísmo e que compartilhavam, a partir de então, com os provenientes do helenismo, a mesma novidade dessa fé. Exigência essa que eram de todos, mas sintetizada nas figuras de Pedro e Cornélio, assim como descreve o texto.

<sup>1</sup>Vivia em Cesareia um homem chamado Cornélio, centurião da coorte itálica. <sup>2</sup>Era piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa; dava muitas esmolas ao povo e orava a Deus constantemente. <sup>3</sup>Ele viu claramente, em visão, cerca da nona hora do dia, o Anjo do Senhor entrando em sua casa e chamando-o: “Cornélio!” <sup>4</sup>Fixando os olhos nele e cheio de temor, perguntou-lhe: “Que há, Senhor?” E o Anjo lhe disse: “Tuas orações e tuas esmolas subiram até a presença de Deus e ele se lembrou de ti. <sup>5</sup>Agora, pois, envia alguns homens a Jope e manda chamar Simão, cognominado Pedro. <sup>6</sup>Ele está hospedado em casa de certo Simão, curtidor, que se encontra junto ao mar”. <sup>7</sup>Assim que se retirou o Anjo que lhe falara, Cornélio chamou dois de seus empregados, bem como um soldado piedoso, daqueles que estavam a seu serviço, <sup>8</sup>explicou-lhes tudo e enviou-os a Jope. <sup>9</sup>No dia seguinte, enquanto caminhavam e estando já perto da cidade, Pedro subiu ao terraço da casa, por volta da sexta hora, para orar. <sup>10</sup>Sentindo fome, quis comer. Enquanto lhe preparavam alimento, sobreveio-lhe um êxtase. <sup>11</sup>Viu o céu aberto e um objeto que descia, semelhante a um grande lençol, baixado à terra pelas quatro pontas. <sup>12</sup>Dentro havia todos os quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. <sup>13</sup>Uma voz lhe falou: “Levanta-te, Pedro, imola e come!” <sup>14</sup>Pedro, porém, replicou: “De modo nenhum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!” <sup>15</sup>De novo, pela segunda vez, a voz lhe falou: “Ao que Deus purificou, não chames tu de profano”. <sup>16</sup>Sucedeu isto por três vezes, e logo o objeto foi recolhido ao céu. (BÍBLIA..., 2019).

O narrador apresenta dois personagens e duas imagens distintas. O texto afirma que cada um, a seu modo, foi o protagonista de uma visão, sobre a qual tiveram a percepção do todo que estava se sucedendo e do que Deus lhes propusera a fazer. A partir desse relato, interpõe-se ao ouvinte-leitor de ontem e de hoje o desafio de compreender os desígnios de Deus, como ele age e quer que todos ajam diante dos desafios do encontro, das relações interpessoais; e, também, como a Palavra de Deus, revelada na Sagrada Escritura, bem interpretada, pode ajudar a superar conceitos e preconceitos que, por vezes, surgem a partir de uma leitura fundamentalista, portanto, “equivocada” desta mesma Palavra, na qual o próprio Deus é tomado para justificar tais conceitos e preconceitos.

O primeiro acontecimento a ser observado, no texto, é a visão que Cornélio teve. O autor dos Atos dos Apóstolos dá a informação de que hora nona (às 15 horas) estava Cornélio em oração e as suas orações e generosidades foram atendidas por Deus. Quem dá esta resposta a Cornélio é o Anjo (At 10,3-4). Nesse relato, dois assuntos precisam ser evidenciados: o horário que Cornélio teve a visão, que essa visão foi plena de sentidos e, de acordo com o texto, não foi um devaneio.

Casalegno (2005, p. 237) chama a atenção dizendo que 15 horas ou hora nona coincide com a hora em que Jesus morreu (Mc 15,34-37), que conscientemente entregou o seu espírito ao Pai; esse também era o momento em que todo judeu piedoso elevava aos céus sua oração. Cornélio era um gentio que não tinha tal obrigação ou prática e não estava “rezando da forma dos judeus ou da forma dos cristãos” (MAZZAROLO, 2014, p. 148). Como afirmado, não foi um devaneio, pois o narrador expressa-se com o termo “*phanerós*”. Weiss (1985, p. 1130) contribui ao descrever que esse adjetivo quer indicar aquilo que é “visível”, “manifesto”, “destacado”, “público”. Para o Novo Testamento, seu uso é marcado por essa nuance, o que é “visível” exteriormente, o que é “evidente” (Rm 2,28). Desse modo, quase que seria dizer: viu de olhos bem abertos. Não era um sonho, nem estava entorpecido por algo, dado o horário do dia.

Pedro, por sua vez, também teve a sua visão e esse experimentou-a por volta do meio-dia, hora sexta (momento em que Jesus foi crucificado). Ao apresentar esse pormenor é possível imaginar que o narrador esteja trazendo à mente dos seus ouvintes-leitores a causa da crucifixão de Jesus. Ou seja, ela aconteceu não somente porque ele blasfemou se fazendo filho de Deus (Jo 19,7), ou porque se recusou a pagar o imposto a César, conforme a acusação do sinédrio (Lc 23,2), mas, sim, por inveja (Mc 15,10) e por romper com paradigmas que eram mais preceitos humanos do que lei (Torá) de Deus.

Na descrição da visão de Pedro, é dito que ele viu uma toalha suspensa pelas quatro pontas e dentro “havia todos os quadrúpedes e répteis da terra e aves do céu” (v. 12), portanto, animais e seres de todos os tipos, assim como “no relato da criação” (FABRIS, 1991, p. 210), quando não havia ainda distinção de animais puros e impuros. Uma voz que provém do céu e diz a Pedro: imola e come (v. 13). Nesse ponto, é preciso, também, dar destaque à fala do Espírito a Pedro, que de modo enfático diz: “Alguns homens estão aí, à tua procura. Desce, pois, e vai com eles sem hesitação” (v. 19-20). Casalegno (2005, p. 238) recorda que para entender o sentido da cena, deve-se lembrar que em Atos o Espírito é o dom de Deus prometido às testemunhas enviadas em missão (At 1,8). Deste modo, “a visão dos alimentos impuros era apenas uma antecipação da missão entre ‘impuros’ os gentios” (MAZZAROLO, 2014, p. 149), pois é o Espírito quem conduz e impele.

Diante dessas duas descrições, é perceptível que, em ambos os casos, é Deus quem toma a iniciativa, aqui descrita nas figuras do anjo e do Espírito. Fabris (1991, p. 205) dá a sua contribuição ao dizer que as decisões humanas remontam sempre à mesma fonte: Deus e o

Espírito Santo. Portanto, cabe ao ser humano a disponibilidade, a abertura para sentir em sua existência a manifestação de Deus.

Por isso, ao relacionar essa narrativa com a experiência da leitura orante da Bíblia, recorda-se que ao se colocar nessa posição de escuta, o crente (aquele que crê), diante da Palavra, é convidado a perceber que, em meio ao barulho da existência humana, Deus tem algo a dizer, pois a ideia principal da leitura orante é ouvir o que Deus tem a dizer a cada um, e mais ainda, o que ele tem a dizer no hoje da história. Desse modo, sempre antes da leitura do texto escolhido, quem faz uso do método da leitura orante é convidado a invocar o Espírito Santo, em forma de oração ou por meio de canto, pois somente com o coração aberto e disponível é que se pode ouvir as exigências do Espírito e não as exigências pessoais ou institucionais, pois foi o Espírito quem conseguiu “moldar a dureza de coração e de espírito de Pedro” (MAZZAROLO, 2014, p. 151).

## **1.2 Encontro de Pedro e Cornélio (At 10,17-33)**

O encontro se faz necessário. Necessário para ouvir o que o outro tem a dizer, para ouvir a verdade do outro, mesmo quando ainda as suas verdades falam mais alto. É a partir da disponibilidade em querer ouvir que se descobre uma nova realidade. Eis como o texto de Atos descreve tal encontro, realizado entre Pedro e Cornélio.

<sup>17</sup>Enquanto Pedro, no seu íntimo, hesitava sobre o significado da visão que tivera, os homens enviados por Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta. <sup>18</sup>Chamaram e se informaram se era ali que se hospedava Simão, cognominado Pedro. <sup>19</sup>Entretanto, meditando ainda Pedro sobre a visão, disse-lhe o Espírito: “Alguns homens estão aí, à tua procura. <sup>20</sup>Desce, pois, e vai com eles sem hesitação, porque fui eu que os enviei”. <sup>21</sup>Descendo então Pedro ao encontro desses homens, disse: “Aqui me tendes; sou eu a quem procurais. Qual o motivo da vossa vinda?” <sup>22</sup>E responderam: “O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, de quem toda a nação judaica dá bom testemunho, recebeu de um santo anjo o aviso para chamar-te à sua casa, para ouvir as palavras que tens a dizer”. <sup>23</sup>Convidando-os então a entrar, deu-lhes hospitalidade. No dia seguinte, levantou-se e partiu com eles. Alguns dos irmãos que eram de Jope acompanharam-no. <sup>24</sup>Mais um dia, e entrou em Cesareia. Cornélio estava aguardando-os, e tinha convidado seus parentes e amigos mais íntimos. <sup>25</sup>Quando Pedro para entrar, Cornélio saiu-lhe ao encontro e prostrou-se a seus pés, adorando-o. <sup>26</sup>Mas Pedro reergueu-o, dizendo: “Levanta-te, pois eu também sou apenas um homem”. <sup>27</sup>E, falando amigavelmente com ele, entrou. Encontrando muitos ali reunidos, <sup>28</sup>assim lhes falou: “Bem sabeis que é ilícito a um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou mesmo dirigir-se à sua casa. Mas Deus acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro. <sup>29</sup>Por isso vim sem hesitar, logo que chamado. Pergunto, pois: Por que razão me chamastes?” <sup>30</sup>Cornélio respondeu. “Faz hoje três dias, por esta mesma hora, estava eu fazendo a oração pela hora nona em minha casa, quando diante de mim postou-se um homem de vestes resplandecentes. <sup>31</sup>E disse-me: “Cornélio, tua oração foi ouvida e tuas esmolas foram lembradas diante de Deus. <sup>32</sup>Manda, pois, alguém a Jope, a chamar Simão, cognominado Pedro. Ele está hospedado em casa de Simão, o curtidor, à beira-mar”. <sup>33</sup>Imediatamente mandei chamar-te, e tiveste a bondade de vir. Aqui estamos, pois, todos nós, diante de ti, para ouvir tudo o que te foi ordenado por Deus. (BÍBLIA..., 2019).

O encontro que se dá entre Pedro e Cornélio, não é apenas o encontro de duas pessoas, mas o encontro de duas culturas, marcadas por suas particularidades. As peculiaridades de cada cultura são evidenciadas com o gesto de se “*proskyneô/prostrar*”, realizado por um romano e, segundo Casalegno (2005, p. 239-240) por alguém que ainda está preso aos seus hábitos pagãos, como indica o ato de Cornélio diante de Pedro, “adorando-o”, ou como se fosse um anjo de Deus (MAZZAROLO, 2014, p. 151), e ao judeu preso, ainda, em seus paradigmas alimentares e de convivência, bem como em suas “motivações ideológicas, a santidade do povo de Deus separado dos pagãos” (FABRIS, 1991, p. 210), bem enfatizado na fala de Pedro “bem sabeis que é ilícito a um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou mesmo dirigir-se à sua casa” (v. 28).

Esse encontro, como realça o texto, foi promovido pela ação de Deus, representado pela figura do anjo, pois é ele que diz a Cornélio: “envia alguns homens a Jope e manda chamar Simão, cognominado Pedro” (v. 5) e, na figura do Espírito, é esse que diz a Pedro: “estão aí alguns homens a tua procura. Desce, pois, e vai com eles sem hesitação, porque fui eu que os envie”. (v. 19-20).

A ação de Deus faz com que as peculiaridades de cada cultura sejam superadas. Não estão mais, no centro das evidências, os gestos de cada um, os paradigmas, mas a vida de cada um deles, o seu existir, pois o que verdadeiramente importa é o que são e o que representam diante de Deus, de modo que se tem as suas vidas transformadas. Fabris (1991, p. 205) observa que a partir da compreensão das ordens dadas pelo Espírito do Senhor por aqueles homens, faz nascer a acolhida e a hospitalidade.

Portanto, o texto diz que, mesmo tendo posições diferentes, sendo de culturas diferentes, foi possível um diálogo entre eles, desde que tendo o Espírito como mediador, pois como frisado, foi ele quem conduziu Pedro à casa de Cornélio e possibilitou um encontro transformador do que se pensa ou deixa-se de pensar. É nesse sentido que se apresenta a proposta da leitura orante da Bíblia como um instrumento capaz de oportunizar transformações que tocam o mais profundo da existência humana e os seus paradigmas, pois o encontro com a Palavra de Deus, revelada na Sagrada Escritura, necessariamente, precisa tornar diferente quem a lê (com o olhar da fé) e os que o circundam. Como diz o profeta Isaías, sua Palavra é como a chuva e a neve que descem do céu e para lá não voltam sem ter regado a terra (Is 55,10-11).

## 2 O QUE O TEXTO ME/NOS FAZ DIZER?

### 2.1 O encontro com a Palavra transformada em oração

De acordo com a narrativa dos Atos dos Apóstolos, Pedro e Cornélio estavam em oração quando sobreveio a eles a visão. Diz também o texto que “Cornélio era um homem piedoso e temente a Deus” (v. 2). Mas o que isso implica? Ressaltar que tal homem era piedoso?

Ajuda à compreensão do termo fazer a análise desde o grego antigo até o Novo Testamento. No grego antigo, o termo “*eusebês/piedoso*”, de acordo com Foerster (1985, p.

913-914), apresenta-se com um sentido geral, mas ressalta o seu uso quando relacionado com os deuses. No período helenístico, o sentido principal é o de adoração, com ênfase na reverência pelo que é grande e sublime, que deve ser igualado ao divino/sagrado. Desse modo, a piedade sobressai-se como uma virtude, quase que uma admiração pelo mundo puro e exaltado da divindade. Entrando no mundo judaico, o significado do termo denota tanto o respeito que os gentios têm pelo Deus do Antigo Testamento quanto a conduta respeitosa em relação aos outros. No Novo Testamento, o termo denota apenas a relação com a divindade, assim como no período helenístico e não conforme a ideia expressa no judaísmo.

Com a ajuda desse contributo linguístico, compreende-se que ao identificar Cornélio como um homem piedoso e temente a Deus, Lucas ressalta que já havia nele uma pré-disposição para acolher a Palavra e a mensagem de salvação da qual Pedro era portador, por isso a expressão: “piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa” (At 10,1-2). O uso de tal termo equivale dizer, como o Concílio Vaticano II em seu decreto *Ad gentes* ousou articular, “que há sementes do Verbo” presentes nas culturas, povos e pessoas que promovem a paz, lutam pela justiça e defendem a vida (AG 11). Em outras palavras: a ação salvífica de Jesus já chegou antes do anúncio.

Portanto, a prerrogativa de ir ao encontro do outro, motivado pela oração, tendo o Espírito Santo como mediador, faz com que a pessoa tenha consciência de que está diante do outro e que esse outro, também de certa forma, já foi alcançado por Jesus, por meio da ação do Espírito, o qual convida a estabelecer comunicação, diálogo e não imposição – e, juntos, elevar ao Senhor uma prece, um louvor que brota dessa experiência.

## **2.2 Oração transformada em ação**

Correlacionando a ideia de pré-disposição e de se encontrar um ambiente favorável, é que se quer apresentar o tema da oração transformada em ação. Veja que o foco principal desse antigo/novo jeito de ler a Bíblia, como Palavra Deus, dá destaque à dimensão orante, como evidencia o próprio título: leitura orante da Bíblia. Portanto, o desejo maior é fazer com que o participante tenha essa experiência significativa com o mundo da Bíblia e, à luz dessa Palavra revelada, elevar ao criador o que brota do mais íntimo do seu coração, e que não é apenas verbalização.

Ao discorrer sobre a eficácia da oração, quando interpreta essa perícopa, Mazzarolo (2014, p. 148) diz que nem sempre a oração verdadeira é aquela que segue com perfeição um determinado rito ou fórmula, mas aquela que brota de uma espiritualidade, que é fruto da justiça e do amor. Portanto, ao fazer uso da leitura orante, não é necessário fórmulas, basta estar aberto à ação do Espírito e aquilo que ele vai suscitar. E ao suscitar, com certeza ele vai interpelar e, ao interpelar, ele vai exigir compromisso. Por isso, a afirmativa: oração transformada em ação.

Uma oração que não gera compromisso é uma oração desprovida da ação do Espírito. Como visto no texto, depois de ambos rezarem, eles foram impelidos a ir ao encontro do outro.

Pedro e Cornélio, cada qual ao seu modo, são impelidos a ter uma nova atitude que brota da experiência e não da imposição de um sobre o outro. E, nesse sentido, é significativa a frase de Pedro nos versículos subsequentes à delimitação apresentada: “Dou-me conta, em verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável” (At 10,34-35).

### **3 COMO E, COM O QUÊ, O TEXTO ME/NOS COMPROMETE?**

#### **3.1 O encontro com a Palavra transformada em vida**

No esquema proposto por Guigo e por esse artigo, o último passo da leitura orante é a contemplação. Mas, o que vem a ser a contemplação? Talvez, para uma grande maioria, contemplar é ficar olhando para algo, sem ter noção de tempo e espaço, perdido e sem rumo ou, ainda, ser tomado por um êxtase que o tira da realidade. Entretanto, como advertem Mesters e Sorne (1997, p. 45), é muito mais do que isso. Contemplar é olhar as coisas, as realidades, tudo e todos com o olhar de Deus.

Mas como Deus olha? Esse texto escolhido serve de referência para ensinar como Deus olha: Deus olha para aquilo que é essencial. Ele não está preocupado com as formalidades, com os acidentes e atributos ou com o que pode ou não pode, como se Deus tivesse uma régua na mão e meticulosamente saísse medindo. É preciso dizer que sua preocupação maior é o ser humano. É com este que ele se interessa. É para este que ele volta o seu olhar. Por isso, no relato escolhido para fundamentar esse artigo é dito que Deus mostrou a Pedro “que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro” (v. 28).

Contemplar, também, é ter a mesma atitude que Deus teve no ato da criação. Assim como descreve o livro do Gênesis no primeiro relato da criação que, depois de ter criado a luz, o firmamento, as ervas, árvores, frutos, os luzeiros, os animais, as aves, os peixes, Deus disse “tudo era bom” (Gn 1,4.10.12.18.21.25) E, no final, na obra prima de sua criação, ele disse: “tudo era muito bom” (Gn 1,31). Portanto, Deus contemplou o que fizera.

Assim sendo, se, em um dado momento da história, o povo judeu precisou regulamentar o que era permitido comer ou não, o que era considerado comestível ou não, e isso se transformou em lei sagrada (GARCÍA LÓPEZ, 2004, p. 193-195), também, em certo momento da história, como evidencia o livro dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 15, precisou entender que isso não podia afastá-lo do outro, que as distinções de cultura e de raça em um sentido negativo, preconceituoso, não é obra divina e que, portanto, é preciso romper tais barreiras.

Como visto no texto, Pedro foi obrigado a rever o sentido do preceito judaico. Casalegno (2005, p. 238) corrobora ao dizer que Pedro “até certo momento ainda não se tinha dado conta de que, em Jesus, o profano e o impuro, segundo a lei, não correspondem ao profano e ao impuro segundo Deus”. Mas, movido pela ação de Deus é que ele pode dizer: “Deus me fez entender que não se deve declarar profano ou impuro a ninguém” (v. 28).

A vida daquele que lê (com o olhar da fé) o texto Bíblico deve ser transformada. Na ótica da leitura orante da Bíblia, não é possível ler o texto e continuar indiferente ao outro, achar-se melhor do que o outro porque se professa essa ou aquela fé; não é possível ler o texto, nessa ótica e método, e agredir o outro, com palavras ou ações, apenas porque o outro pensa diferente da fé professada por aquele; não é possível ler o texto, como propõe a leitura orante da Bíblia, e defender sistemas ou instituições que pregam a intolerância religiosa ou racial ou qualquer tipo de discriminação, pois isso não coaduna com a proposta apresentada por Jesus de Nazaré. A leitura orante da Bíblia exige um sair de si e ir ao encontro das necessidades do outro.

Como visto no relato, a vida de Pedro foi transformada, mesmo que o texto do Levítico descreva, segundo a lei mosaica, as proibições dietéticas (Lv 11,1-30) e, segundo a tradição, a proibição de se relacionar com os pagãos. Aquele que estava totalmente distante da prática de Jesus, mantendo-se reticente, teve sua vida transformada pela Palavra encarnada.

### **3.2 O encontro com a Palavra transformada em gesto concreto**

O momento da contemplação também pode ser entendido como o momento do gesto concreto, momento em que é oportuno levantar a pergunta: o que a comunidade ou cada um pode fazer em favor do outro? O texto escolhido, para iluminar a análise, diz que Pedro “convidando-os então a entrar, deu-lhes hospitalidade” (v. 23). O texto também diz que Cornélio era um “homem piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa; dava muitas esmolas ao povo e orava a Deus constantemente” (v. 2); e acrescenta “tuas orações e tuas esmolas subiram até a presença de Deus e ele se lembrou de ti” (v. 4). E, novamente, no verso 31 essa frase é repetida: “Cornélio, tua oração foi ouvida e tuas esmolas foram lembradas diante de Deus”.

Cornélio é representado como aquele que teme a Deus e pratica a caridade, por meio de esmolas, as quais, juntamente com as orações, subiram até Deus. Pedro, por sua vez, é lembrado como aquele que é hospitaleiro, pois sem hesitar acolhe na casa em que estava, homens que ele não conhecia e que não eram judeus, exercendo, desse modo, aquilo que é mais sagrado na tradição judaica, a acolhida.

À luz desse texto, pelo menos duas ações são referendadas: a acolhida e a prática da caridade. Ao realizar a leitura orante da Bíblia até a última etapa da contemplação, deve haver mudança de comportamento, pois contemplação é movimento, é ação. Sendo assim, quem faz uso do método da leitura orante em grupo ou pessoal, ao final, é convidado a ter um gesto de solidariedade, de compromisso, a sair de si e ir ao encontro do outro, não levando consigo suas verdades, mas disponível a ouvir a verdade do outro, o que o outro tem a lhe dizer.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo enfatizou, no início, que a proposta da leitura orante da Bíblia é o rompimento com a visão fundamentalista da Bíblia que insiste em reinar dentro de comunidades

eclesiais. Quando este artigo se dispôs a empregar o referido método, nessa períclope específica, foi justamente por ver nela um paradigma, pois a partir de um encontro suscitado pela ação divina, conceitos e pré-conceitos foram anulados. Uma leitura e interpretação que se fazia do texto revelado e que justificavam exclusões, dogmatismos e absolutismos, foram desfeitos. Tal leitura não pode ser estimulada e nem propagada, mas sim uma leitura que proporcione ver o texto na sua totalidade. Leitura esta que dá ênfase ao que o texto diz, não de modo fundamentalista ou literalista, mas a partir de uma leitura literal, isto é, respeitando o conteúdo, em seu sentido exato e formal, contudo sem desconsiderar os sentidos figurados.

Fazer essa leitura literal, sem ser fundamentalista, não é nada fácil. Não apenas hoje, como também não o foi para Pedro, com tal referência pessoal, não se está fazendo aqui um anacronismo, dizendo que Pedro tenha sido um fundamentalista, mas que a sua interpretação do texto revelado estava permeada de um literalismo, que não permitia se abrir ao novo e ao agir de Deus. Assim, é possível imaginar o quanto foi difícil para Pedro romper com os seus esquemas mentais, eivados por uma tradição religiosa e familiar que não permitia o encontro e a relação com um estrangeiro e, muito menos ainda, com um chefe de “cem” (uma centúria), da guarda romana, como bem lembra Pedro a Cornélio (At 10,28). Do mesmo modo, os conceitos formados e os preconceitos podem distanciar e, até mesmo, afastar aqueles que estão dispostos a dialogar e não querem polemizar ou combater.

Assim, o método da leitura orante da Bíblia ensina que, ao se aproximar da Palavra de Deus, revelada na Sagrada Escritura, é preciso tomar consciência de que a primeira razão de ser desta é mostrar a ação libertadora de Deus em favor do seu povo e, assim, operar uma ação libertadora de toda e qualquer forma de prisão, pois o mesmo Espírito de Deus que a inspirou exige daqueles que a leem essa capacidade para ouvir e compreender o novo, suscitada a cada leitura por ele. Portanto, é preciso sempre levar em consideração o contexto em que foi escrito o texto bíblico, tendo como preocupação maior o sentido teológico de cada passagem e não o histórico-cronológico. A pergunta principal não é se isso aconteceu ou deixou de acontecer, mas por que o autor escreveu, o que ele quer transmitir com tal narrativa?

O encontro com a Palavra de Deus, a partir da leitura orante da Bíblia, tem a capacidade de transformar não só a pessoa, mas a realidade que o circunda. A pessoa passa a ver o mundo, os seres, a existência com outro olhar, com o olhar de Deus. É nesse sentido que se entende o quanto é importante que as comunidades eclesiais se apropriem da Palavra de Deus, cultivando por meio dela uma espiritualidade que vai além de conceitos e práticas intimistas.

É preciso devolver a Bíblia para aqueles de cujas mãos nunca deveria ter saído. É preciso torná-la não só acessível a todos, por meio de distribuição e eventos, mas também estudá-la por meio do resgate dos círculos bíblicos, grupos de reflexão e principalmente a partir desse antigo/novo jeito de ler e rezá-la. É dessa forma que este artigo vê o quanto a leitura orante da Bíblia pode contribuir para romper com o fundamentalismo bíblico e promover o diálogo, pois a leitura orante da Bíblia possibilita ver a vida a partir da Bíblia e a lê-la a partir da

vida. Quando os acontecimentos da história são relidos à luz da palavra de Deus, essa mesma Palavra impele a transformar a história. E, a partir dela, também no hoje da história, arriscar dar respostas à pergunta que Pedro suscitou: “por que razão me chamastes?” ✨

## REFERÊNCIAS

BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal **Verbum domini**: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019.

CASALEGNO, Alberto. **Ler os Atos dos Apóstolos**: estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Loyola, 2005.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Ad gentes**: sobre a atividade missionária da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. **A leitura orante da Bíblia**. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil; São Paulo: Loyola, 1990.

DA SILVA, Renato Gonçalves. O fundamentalismo bíblico na retórica diabólica presente em Lc 4,11-12. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 298-309, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleleo>. Acesso em: 8 maio 2023.

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

DO PRADO, José Luiz Gonzaga. O fundamentalismo. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, v. 35, n. 140, p. 363-378, out./dez. 2018. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/41>. Acesso em: 8 maio 2023.

FABRIS, Rinaldo. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FOERSTER, Werner. Eusebés. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**: abridged in one volume. Grand Rapids: Eerdmans, 1985. p. 913-914.

GARCÍA LÓPEZ, Félix. **O Pentateuco**: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. Fundamentalismo: Escritura e teologia entre fé e razão. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, ano 13, v. 33, p. 332-359, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=18282@1>. Acesso em: 5 maio 2023.

MAZZAROLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2014.

MESTERS, Carlos; SORNE, Miren. **Lectura orante de la Biblia**. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1997.

MILÁN, Fernando. “Lectio divina”: un modo antiguo y actual de orar con la Sagrada Escritura. **Scripta Theologica**, Pamplona, v. 51, n. 1, p. 161–187, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/scripta-theologica/article/view/36596/31144>. Acesso em: 8 maio 2023.

**A visão de Pedro e Cornélio em Atos 10,1-33**

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

WEISS, Hans-Friedrich. Phanerós. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**: abridged in one volume. Grand Rapids: Eerdmans, 1985. p. 1130-1135.

Recebido em: 17/03/2023.

Aceito em: 24/10/2023.